

A COMPREENSÃO RESPONSIVA ATIVA NO GÊNERO DO DISCURSO DRAMATIZAÇÃO

Neilton Farias Lins¹

Maria Francisca Oliveira Santos²

RESUMO: Neste trabalho usarei uma peça teatral (chamarei de GDD – Gênero Discursivo Dramatização) apresentada na ocasião de uma feira de Ciência por aluno de 2º e 3º do Ensino Médio da Escola Estadual Professora Claudizete Lima Eleutério, Rio Largo. GDD fará uma reflexão sobre a Amazônia, o desmatamento e em especial a trajetória da vida de Francisco Mendes Alves Filho – o Chico Mendes, sua luta pela preservação da natureza, seu trágico assassinato. Nesse GDD encontramos a categoria Responsividade Ativa bem presente, embora responsividade ativa, tenha uma amplitude bem maior, tentarei apontá-la apenas dentro do texto transcrito do gênero em estudo. Essa pesquisa tem a intenção de suscitar em outros pesquisadores uma análise mais detalhada da compreensão responsiva ativa no GDD.

Palavras-Chave: compreensão responsiva, gênero, discurso, dramatização

ABSTRACT: *This paper will use a play (called GDD - Gender Discourse Drama) at the time of a science fair for students from 2nd and 3rd Middle School Public School Teacher Claudizete Eleuterio Lima, Rio Largo. GDD will reflect on the Amazon, deforestation, and in particular the trajectory of the life of Francisco Alves Mendes Filho - Chico Mendes, the fight for the preservation of nature, his tragic assassination. In this category we find the GDD active responsibility in mind, although responsiveness active, has a much greater breadth, try pointing it only within the transcribed text of its kind in the study. This research intends to raise other researchers a more detailed analysis of active responsive understanding in GDD.*

Keywords: *responsive comprehension, gender, discourse, dramatization.*

A comunicação humana se dá no processo dialógico entre os interlocutores investidos nessa ação, ação que se desenvolve não apenas na relação interativa de locutores imediatos, mas também entre o outro discursivo da relação dialógica. Para Bakhtin (2006)³, *a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real.* Baseado nessa orientação

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UFAL
Bolsista do CNPq

² Doutora em Linguística – UFPE – Professora do PPGLL - UFAL

³ Leia-se BAKHTIN/VOLOCHINOV

filosófica da linguagem esse teórico cria uma nova categoria de análise, a *Compreensão Responsiva Ativa*.

Para esse autor *todo ato de compreensão é uma resposta*, seu conceito de resposta é amplo tendo em vista que ultrapassa o esquema já padronizado de que para toda pergunta exige uma resposta, uma vez que resposta na teoria bakhtiniana tem-se como uma atitude em que determinado interlocutor se posiciona ideologicamente sobre determinado discurso. Nem sempre é visto como uma réplica a uma pergunta, mas a um discurso, que pode ser mediato ou imediato. Para Fuza & Menegassi (2006) a atitude responsiva pode ser interna ou externa, para esse autor *é externa quando se escreve para que as pessoas vejam as idéias do autor e possam apresentar uma compreensão e uma resposta e, interna, quando a pessoa conversa consigo mesma sobre o texto que produziu*.

Bakhtin(2006) diz que *a cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica*. Nessa perspectiva de compreensão, entendemos que compreender não é apenas se posicionar discursivamente sobre um fator discursivo, mas se apropriar dos discursos do outro para a constituição da enunciação, e enfim fim contra-argumentar o discurso do outro com suas próprias palavras. Esse autor vai dizer que *compreender é opor a palavra do locutor uma contrapalavra*. Tudo isso, não quer dizer que compreender é se opor a determinado discurso, mas usar o discurso anterior para a formação do discurso resposta. Nessa perspectiva, Bakhtin (1997) vai dizer que *toda compreensão é prehe de resposta... A compreensão responsiva nada mais é do que a fase inicial e preparatória para uma resposta*.

Compreender é responder a um determinado enunciado concreto/discurso, o que para o autor (op.cit) em questão, *cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados*. Logo, não há enunciado ou discursos isolados, ou enunciadore primários, como diz Bakhtin (1997), o locutor não é o *Adão bíblico que nomeia o mundo pela primeira vez*. Cada homem encontra o mundo e seus discursos já existentes, não acabados, assim, o locutor terá uma autonomia relativa em relação a tais discursos, mas será também um respondente desses enunciados. É baseado na concepção de autonomia relativa que Zozzoli (2002), postula a existência do *sujeito relativamente autônomo* e Cavalcante (1999) conceitua a idéia de *sujeito responsivo/ativo*. Visto que,

por mais que os sujeitos discursivos tomem posições em relação a um discurso, a ponto de entender que o discurso é interior (diálogo consigo mesmo) ou próprio, tal enunciado é influenciado por outros discursos ou fatores exteriores.

Logo, só passamos a compreender um enunciado alheio quando reagimos as palavras dos discursos alheios, de forma como teorizou Bakhtin, que essa reação se dar quando as palavras *despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida*.

Nossos discursos por mais que pareçam nossos, estão contaminados por outros discursos. Outras vozes se fundem a nossas vozes de forma a parecer que são nossas essas vozes, a ponto de esquecermos que essas vozes já estavam presentes no mundo ideológicos antes de “nosso discurso” vir existir. Razão que algumas vezes reforçamos o que dizemos, concordamos ou discordamos e/ou usamos as palavras do outro como se nelas estivessem nossos próprios propósitos.

Esse autor (1998) enfatiza que o *discurso se encontra no discurso do outrem e não pode deixar de participar da interação viva e tensa*. Assim compreensão ativa não é apenas entender a significação morfosintática, fonética e/ou semântica da palavra, como diz Bakhtin (2006):

... não tem sentido dizer que a significação pertence a uma palavra enquanto tal. Na verdade, a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro... Aqueles que ignoram o tema (que só é acessível a um ato de compreensão ativa e responsiva) e que, procurando definir o sentido de uma palavra, atingem o seu valor inferior...

Nesse sentido podemos dizer, por exemplo, que a palavra como diz Bakhtin (1997) não possui entonação, se a mesma possuir entonação, deixa de ser uma simples palavra e passa a ser enunciado. Como por exemplo: a palavra “fogo” em um contexto isolado não possui nenhuma entonação, entretanto em determinado contexto o uso dessa palavra poderá apresentar entonação, nesse sentido ela deixa de ser palavra e passa a ser enunciado. Logo, a palavra é desprovida de *emoções e juízo de valor*, mas seu uso

contextual poderá lhe atribuir tudo isso. De forma isolada as palavras não possui significação, é exatamente na responsividade e/ou diálogo com a palavra do outro que se estabelece a significação da palavra.

Bakhtin (1998) enfatiza que:

O sentido da palavra, o seu significado material, é para a linguística é apenas um momento da palavra linguisticamente determinado. Legitimamente retirado do contexto cultural, semântico, no qual a palavra realmente foi proferida.

Nesse aspecto percebe-se que a palavra mesmo na arte é está fundida com a vida, visto que a arte encontra na vida sua inteira inspiração. Bakhtin (1993) diz:

Cada pensamento meu, junto com o seu conteúdo, é um ato ou ação que realizo – meu próprio ato ou ação individualmente responsável [*postupok*]. É um de todos aqueles atos que fazem de minha vida única inteira um realizar ininterruptos de atos [*postuplenie*]. Porque minha vida inteira como um todo pode ser considerada um complexo ato ou ação singular que eu realizo: eu realizo, isto é, executo atos, com toda a minha vida, e cada ato particular e experiência vivida é um momento constituinte da minha vida – da contínua realização de atos [*postuplenie*].

A palavra está ligada intimamente a vida, e é na vida que as palavras tomam existência, é na dialogicidade entre os interlocutores e seus discursos que a palavra se constitui. *A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua.* Assim, a vida se utiliza da língua e a língua se utiliza da vida para buscar sentido de existência. Para Bakhtin (ibidem) *A vida começa apenas no momento em que uma enunciação encontra outra.* Nesse sentido a palavra não pode ser vista como neutra. Esse autor fala da neutralidade da palavra, em que diz *As palavras não são de ninguém e não comportam um juízo de valor. Estão a serviço de qualquer locutor e de qualquer juízo de valor, que podem mesmo ser totalmente diferentes, até mesmo contrários* no que diz respeito a *função ideológica*, ou seja, a palavra não possui uma função ideológica específica é a situação de uso que lhe dará a função ideológica, não que ela passe a existir com uma função ideológica pré-determinada, como diz o filósofo russo, uma só

palavra *pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa.*

Assim, o uso da palavra pelo interlocutor se constitui uma resposta, como também o silêncio e/ou a não compreensão se constitui em uma compreensão, e por assim dizer compreensão ou resposta ativa, uma vez que Bakhtin (2006), não admite a possibilidade de haver *compreensão passiva*, o que esse autor vai chamar de *elemento abstrato de um fato real*. Cada ação humana envolve uma reação do outro, isso porque, no homem há uma necessidade de provocação a atitudes discursivas no outro, pelo fato de os sujeitos se constituírem nesse diálogo.

A linguagem faz do homem sujeito social, que responde e se posiciona ideologicamente. Cavalcante (1999) diz que *a linguagem...constitui a base do desenvolvimento humano*, logo, não humano sem que não haja linguagem ou discurso, para essa autora (op.cit) é através da linguagem que o homem se *apropria do conhecimento dos fenômenos e agir do mundo*, isto é, sem a linguagem, o homem não possui responde, não se posiciona, não existe como ser social, pois, é na linguagem que surge o discurso, discurso que toma existência na relação entre os interlocutores.

Não há discurso preso apenas direcionamento discursivo, Bakhtin (2006) diz que *toda palavra comporta duas faces*, isto é, no primeiro momento, a palavra ela procede de alguém com intuito de posicionar-se em relação a um fato social, no segundo momento, essa mesma palavra *se dirige a alguém*, exatamente nessa relação de palavra a palavras, discurso a discurso que surge a interação, logo fundamentalmente dialógica. Esse teórico (op.cit) diz ainda que *A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor.*

Bakhtin(2006) reconhece que mesmo *os gritos do recém-nascido são orientados a mãe*, isto é, exige da mãe um resposta ativa, visto que, esses gritos lhes servem com um alerta de que pode o bebê está com fome, com dores, ou outras possíveis situações que acompanham o mesmo no seu nascimento e crescimento, mas, tudo isso, não deve ser visto como uma ação desencadeada biologicamente, ou seja, fatores biológicos que influenciam essa ação do bebê, mas também a fato de que o recém-nascido entende que existe alguém capaz de responder as esses gritos.

Nessa perspectiva, não há, portanto, um único discurso que tome existência no social sem que não ocorra fusão entre a palavra do locutor e a palavra do interlocutor, é essa adesão do outro, concordando ou discordando, aceitando ou não a palavra que lhe é direcionada e, que sobre a mesma exerce uma responsividade ativa, é quem sustem a *ponte lançada entre mim e os outros*, na qual atravessam as ideologias.

A responsividade não pode ser vista apenas como prática de linguagem, mas é exatamente a responsividade que traz a existência da linguagem, tendo em vista que, a resposta ativa não existe apenas no responder a um determinado discurso, mas pelo contrário responde a outros enunciados já postos socialmente em outro contexto histórico-social.

Assim, a compreensão ativa, é um arquétipo de dialogicidade, em que o próprio indivíduo recebe a mensagem de forma idiossincrática, sem reação alguma, em seguida, manifesta-se ativamente em uma situação enunciativa. A compreensão responsiva ativa de um enunciado concreto é uma orientação discursiva em que o primeiro locutor toma direcionamento levando em consideração o também posicionamento discursivo do seu interlocutor ou outro do discurso.

Bakhtin (1997) ao afirmar que *toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor* ele fala da alternância de papéis entre o locutor e o seu interlocutor, não pode haver compreensão responsiva ativa sem resposta, uma vez que ambas estão unidas uma a outra. Assim, a compreensão é ativa, quando a resposta de um dos sujeitos da interação é imediata e situada, e embora silenciosa, mas também é ativa quando um dos sujeitos da interação não responde de forma imediata, mas retarda a resposta, que pode ocasionar pela reelaboração da resposta ou do discurso. O que se percebe no dizer Bakhtin (1997) é que, *é claro que nem sempre ocorre imediatamente a seguinte resposta em voz alta ao enunciado logo depois de pronunciado*, entretanto, isso não descarta a possibilidade de haja que uma compreensão responsiva ativa do enunciado. No dizer desse autor (op.cit):

O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra “resposta” é

empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles.

Logo, o falante é determinado a compreensão responsiva ativa, não admite ou espera uma compreensão passiva, uma vez que, mesmo o silêncio se constitui em uma resposta. Bakhtin (1997) afirma que *a transmissão da afirmação do outro em forma de pergunta já leva a um atrito entre duas interpretações numa só palavra, tendo em vista que não apenas perguntamos como problematizamos a afirmação do outro*. Esse autor (1998) vai dizer que cada discurso toma existência na *mútua orientação dialógica do discurso do outrem*, isto é, a construção do discurso do locutor é na verdade um diálogo entre os discursos já postos, não apenas do locutor e interlocutor imediato, como também entre outros discursos e interlocutores de outro contexto social, ao qual esse discurso se esforça em responder.

Para Bakhtin (1997) *é possível parafrasear o enunciado do outro depois de repensá-lo, ou simplesmente referir-se a ele como a opinião bem conhecida de um parceiro discursivo*.

Esse teórico russo (op.cit) afirma que *todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influencia profunda do discurso da resposta antecipada*. Nesse aspecto os papéis retóricos dos sujeitos discursivos estão postos claramente, em outras palavras os sujeitos da interação estão “pré-determinados” a assumir seus papéis discursivos em relação ao discurso do outro. Convém, entretanto, salientar, que esses papéis retóricos se colocam em relação aos discursos e não exclusivamente aos sujeitos do discurso. Baseado nesse dialogismo, Bakhtin afirma que:

O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um mudo “dixi” percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou.

A essa relação de transferência de palavra e alternância de sujeito do discurso a Análise da Conversação vai chamar de passagem de turnos conversacionais. Poderá o

sujeito (falante) do discurso tomar o turno e no uso desse turno se posicionar em relação ao discurso dito, construindo em sua concepção um discurso ainda não-dito, embora, a base de “novo” discurso surge exatamente apoiado em um discurso anterior. Para isso esse sujeito(falante) poderá selecionar parte do discurso de seu interlocutor afim de refutar ou concordar com o que tem sido dito.

Gago (2002) diz:

Há fortes evidências nos dados da interação conversacional de que os participantes se orientam para as seqüências das ações, apresentando os turnos da fala, por isso, um caráter de atividade desenvolvida sequencialmente; um turno corrente projeta uma nova ação, cuja execução torna-se relevantes no próximo turno. Exemplos disso encontramos nos chamados pares adjacentes, que projetam ações específicas em resposta: uma pergunta, por exemplo, projeta em resposta uma resposta; um pedido; uma aceitação ou recusa; uma saudação; outra saudação, etc.

Para essa resposta o sujeito do discurso tomará o turno conversacional, seguindo sinais que seu interlocutor lhe dará, tais como olhar, gestos, pausa, diminuição do ritmo da fala, dentre outros sinais que seu interlocutor dará afim de que haja um posicionamento em relação ao discurso. Nessa pesquisa usarei essa possibilidade apontada por esse filósofo da linguagem, ancorada pela Análise da Conversação, para comprovação dessa alternância de sujeito.

A análise

Para análise desse trabalho usarei uma peça teatral (chamarei de GDD – Gênero Discursivo Dramatização) apresentada na ocasião de uma feira de Ciência por aluno de 2º e 3º do Ensino Médio da Escola Estadual Professora Claudizete Lima Eleutério, Rio Largo. GDD fará uma reflexão sobre a Amazônia, o desmatamento e em especial a trajetória da vida de Francisco Mendes Alves Filho – o Chico Mendes, sua luta pela preservação da natureza, seu trágico assassinato. Nesse GDD encontramos a categoria Responsividade Ativa bem presente, embora responsividade ativa, tenha uma amplitude bem maior, tentarei apontá-la apenas dentro do texto transcrito do gênero em estudo. Por exemplo:

L1 – ai, ai ((...)) tanta árvore caindo no fogo não é mesmo! ((L1 fala de forma irônica, gesticula para a platéia ouvinte pedindo confirmação. A Platéia silencia))

{

L2 – não fale isso! o que será do mundo com toda essa devastação?

A fala de L1 é carregada de uma ideologia bem presente nos fazendeiros daquela região, que o importante é o uso da terra para plantação de lavoura e criação do gado, entretanto, L2 responde a esse discurso se posicionando de forma contrária, L2 mostra um discurso de preservação da natureza, enquanto, L1 fica feliz, ou satisfeita por saber que as árvores estão caindo com o desmatamento e pelas queimadas, o documentador diz que ela fala de forma irônica, como se gostasse do acontecido, ainda assim, pede confirmação da platéia presente, pedindo a mesma concorde com seu discurso, nesse aspecto, encontramos responsividade não apenas entre os atores da peça, como também, na relação atores e platéia, embora a platéia silencie, mas mostra-se ativa em relação o que fora dito por L1, esse silêncio pode significar muita coisa, tais como: não concordar com o que fora dito, haver uma regra por parte dos organizadores do evento de não manifestação da platéia, etc. A questão do silêncio como já fora dito, não se constitui falta de responsividade, mas pelo contrário esse pode ser tido como atividade pelo sujeito.

Enquanto L1 se posiciona favorável à destruição das florestas amazônicas, L2 se opõe de forma ativa a esse discurso, e se utiliza exatamente do discurso de L1, uma vez que L1 pelo que deixa transparecer o documentador, parece sorrir com a tragédia, L2 nem o deixa terminar a frase, tenta tomar-lhe o turno conversacional, repreendendo-o, dizendo: *não fale isso! o que será do mundo com toda essa devastação?*

Percebe-se ainda responsividade discursiva no fragmento abaixo:

L2 – aqui na amazônia((L2 coloca uma coroa feita de flores na cabeça de L1 e sorrir)) tudo tão lindo!

L1 – ah:: serena você tá falando isso agora, porque até pouco tempo você era pior que eu, maligna, perversa, ai depois que bateu a cabeça ((empurra a cabeça de L2)) ficou assim. de boba serena((gesticula para plateia)) virou luz serena. e se como não me bastasse. você:: vem com esse tal de:: chico mendes.

L2 – chico é um homem bom! seus planos para defesa do meio ambiente são grandiosos. e eu tenho a certeza que tudo vai da certo.

L1 – isso é o que vamos ver. ((fala de forma ameaçadora))

L2 – vamos ver.

Os sujeitos presentes lutam por pela sobreposição de seus discursos, L2 defende a natureza e sua beleza, já L1 busca exatamente o contrário, para isso, cada um usa o argumento que está ao seu alcance. O documentador diz que L2 *coloca uma coroa feita de flores na cabeça de L1 e sorrir*, esperando que o mesmo seja influenciado pela beleza das flores. Já L1 insatisfeito com a ação de L2 responde que antes ela não pensava daquele jeito e que era ainda pior do ele, não se importava com essa de floresta e matas, era no dizer dela *maligna, perversa*, e que agora ainda fala de um tal de chico mendes. L2 mostra-se feliz ao falar de chico mendes, uma vez que seu discurso de proteção a natureza é influenciado pelo discurso desse chico mendes. L1, entretanto, parece ficar menos satisfeito ainda e fala como se ameaçasse a L2 ou ao chico mendes. Além dos aspectos de responsividade ativa apontado entre os atores na dramatização da dessa peça, é possível perceber a responsividade não apenas entre esse atores, mas também entre os sujeitos das várias ideologias presentes nesse GDD.

No que registrou o documentador é possível que L5 seja uma pessoas idosa, ou pelo menos seu discurso seja de uma pessoa idosa, visto que, no fragmento que segue: *L3 – CHIco. pensei que vocês não vinham, não chegavam nunca! L4 – o trabalho é q foi duro. L5 – a casa de serena (...) fica mais longe ao passar do tempo.* L5 fala de cansaço, de que aquela caminhada que um dia parecia ser mais simples com o passar dos tempos fica mais distante, não que, realmente fique distante, mas suas forças ou vitalidades já mais as mesmas que antes .

Um outro fator responsivo nesse texto se dar no discurso dos informantes L6, L7, L8, L9, de que os índios não confiam nos “homens brancos”, pelo de esses homens serem gananciosos e desejarem apenas usufruir de seus bens naturais, e/ou roubar-lhes as terras por meio de violências. Os discursos do aluno/ator e do índio se misturam de forma que não se sabe se esse pensamento é de um ou do outro, nesse sentido encontramos a dialogicidade entres esses discursos. Vejamos o fragmento:

L6 – CHIco. estou permitindo a entrada de vocês aqui porque eu conheço você.

L7 – deveremos desconfiar de todos.

L8 – porque quando os primeiros homens chegaram, a gente pensava que eles eram amigos. mais depressa, bem depressa a gente descobriu o que o homem branco queria.

L7 – queria era roubar nas nossas terras.

L6 – os brancos acham que a terra é deles(...). eles não reconhecem(...) que essa terra tem dono(...). eles não reconhecem qu os ÍNDIOS surgiu primeiro. eles não reconhecem qu os índios tem um trabalho livre. nada disso os brancos reconhecem.

L9 – existem homens brancos e há homens brancos.

Em outro fragmento desse GDD foi possível detectar a idéia do comunismo, ou seja, todos lutando juntos pelo bem da comunidade, se opondo a classe dominante e suas ideologia,:

L4 – é sobre que vimos falar. temos que fazer uma aliança de todos os povos das floresta. já que nossas lutas são iguais. E qui muitas coisas quiapredemos, como nossos costumes das matas, vem de vocês índios. Temos uma herança de vocês índios.

L10 – mais o que é isso?

L10 – vocês querendo se unir a nós:?

L9 – uma união de todos precisa da floresta, de todos respeita a floresta.

L11- de todos que querem a existência das matas(...)do rios(...)

L6 – chico mendes, sua luta é nossa luta, o meu povo também quer demarcação dessas terras. Para vivermos em paz como viviam nossos ancestrais antes da chegada do branco.

L11 – hoje o que o que precisamos é nos unir(L11 abre os braços e fecha os punhos como se convidasse o presente a se unirem) para que o nosso governo possa industrializar nosso produto(...) se que são tão ricos aqui.

L4 – eu tenho uma idéia(...) vamos fazer um (empate)(...)é o seguinte(...) em mutirão nos colocamos diante dos piões das moto-serra(...) inicializando assim um trabalho de desmatamento. temos todos que ir (...) homens, mulheres e crianças.

L11 – eu tenho uma idéia aqui pra nós(...) vamos nos fortalecer(dent/) colocar isso pra o mundo todo. vamos chamar a imprensa! ((Fecham-se as cortinas))

Nesse aspecto, encontramos a dialogicidade entre o que dizem os comunista de modo geral e o que dizem L4, L9,L10, que desejam uma união entre os povos afim de que possam aprender um com os costumes um do outro, e o mais importante a preservação das florestas e rios, o que será um bem para todos os povos, “brancos” e índios.

Não há como esgotar toda possibilidade de análise de compreensão responsiva ativa nesse texto/peça, visto que, muitos fatores influenciarão para várias interpretações, nem também pretendíamos tal proeza, apenas gostaríamos de demonstrar a presença dessa categoria nesse objeto de estudo “recortado” para dissertação de mestrado. Além disso, que essa pesquisa também tem a intenção de suscitar em outros pesquisadores uma análise mais detalhada da compreensão responsiva ativa no GDD.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN. M. Estética da Criação Verbal, Trad. M.E.Galvão. 2 ed. São Paulo. Martins Fontes. 1997.

_____. Marxismo e Filosofia da linguagem. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. Para um Filosofia do Ato, Trad. Carlos Alberto Faraco Cristóvão Tezza.
Austin: University of Texa Press, 1993.

_____. 1997. Problemas da poética de Dostoievski. Tradução Paulo Bezerra. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.

_____. 1993. Questões de Estética e de Literatura. 3ª ed. S. Paulo: UNESP/Hucitec.

CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira. O Sujeito Responsivo / Ativo Em Bakhtin e Lukács, – “A língua sob o olhar da Análise do Discurso” in: Moura, Maria Denilda (org:) – Os múltiplos usos da língua, Maceió, EDUFAL,1999.

FUZA, Â. F.; MENEGASSI R.J. A Responsividade Discursiva Em Produções Escritas No Ensino Fundamental, 1ª JIED – Jornada Internacional de Estudos do Discurso, 2008

GAGO, Paulo Cortes, Questões de Transcrições de Análise de Conversa. VEREDAS – Ver.Est.Ling, Juiz de Fora, MG, v6, n2, 2002

ZOZZOLI, R. M. D. (org.). Ler e produzir – discurso, texto e formação do sujeito leitor/produtor. Maceió: Edufal, 2002, p. 17-31.